



**FLACSO**  
BRASIL

PROGRAMA DE PREVENÇÃO  
À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS

# Documentos de referência

2ª Edição







**FLACSO**  
BRASIL

**PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS  
DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA**

## **Documentos de referência**

*2ª Edição*

2021

### **FLACSO BRASIL**

#### **Direção**

Salete Sirlei Valesan Camba

#### **Conselho Acadêmico**

André Lázaro

Andrea Azevedo

Camilo Negri

Carolina Albuquerque

Florencia Stubrin

Iréri Ceja Cárdenas

Julia Tibiriçá

Kathia Dudyk

Mary Garcia Castro

Miriam Abramovay

Rebecca Igreja

Renata Montechiare

Rita Gomes do Nascimento (Rita Potyguara)

#### **Secretaria Acadêmica**

Marcelle Tenorio

#### **Coordenação de Comunicação**

Marina Baldoni

#### **Organização**

Estudos e políticas sobre juventudes, educação  
e gênero: violências e resistências

#### **Autora**

Miriam Abramovay

#### **Equipe técnica**

Lia Magalhães - Diagramação 2ª edição

Margareth Doher - Revisão

## ÍNDICE

<b>INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: ENTREVISTA</b> .....	8
O que é uma entrevista? .....	8
Introdução .....	8
1. A relação entre entrevistador e entrevistado .....	9
2. Características gerais do método de pesquisas por entrevistas .....	9
3. Passos para a realização das entrevistas .....	10
4. Vantagens da entrevista .....	10
5. Limitações da entrevista .....	11
6. O comportamento do entrevistador .....	11
7. Características de um bom entrevistador .....	12
8. Os principais erros das entrevistas .....	12
9. Como preparar uma entrevista .....	12
10. Tipos de entrevista .....	13
10.1 <i>Entrevista Informal</i> .....	13
10.2 <i>Entrevista Não diretiva</i> .....	13
10.3 <i>Entrevista Semidiretiva</i> .....	13
10.4 <i>Entrevista Estruturada</i> .....	13
11. Orientações gerais para a realização de entrevistas .....	14
12. Orientações para o Relatório de Campo .....	15
<b>INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: OBSERVAÇÃO</b> .....	17
1. Observação .....	17
1.1 <i>Observação Estruturada</i> .....	18
1.2 <i>Observação Não Estruturada</i> .....	18
1.3 <i>Técnicas Intermediárias de Observação</i> .....	19
2. O Observador e a Observação .....	19
3. O Caderno de Campo .....	21
<b>INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: QUESTIONÁRIO</b> .....	23
Apresentação do questionário .....	24
A aplicação de um questionário .....	24
1. Aparência e comportamento .....	24
2. Familiaridade com o questionário .....	25

3.Redigindo as respostas de maneira exata .....	25
4. O Relatório de Campo .....	26

<b>COMPROMISSO ÉTICO .....</b>	<b>27</b>
--------------------------------	-----------

<b>PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS - PROJETO .....</b>	<b>28</b>
--	-----------

Apresentação .....	28
--------------------	----

A proposta de diagnóstico e planejamento participativo .....	30
--	----

Abrangência da proposta .....	30
-------------------------------	----

A proposta em ação .....	30
--------------------------	----

<b>Leituras que se encontram na internet que podem colaborar com os temas da proposta .....</b>	<b>32</b>
---	-----------

**PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS  
DOCUMENTOS DE REFERÊNCIA**

# INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: ENTREVISTA

## O que é uma entrevista?<sup>1</sup>

*Miriam Abramovay*

### Introdução

O termo entrevista significa um encontro ou uma interação comunicativa entre pessoas. Quando se atribui sentido técnico ao termo, ele passa a refletir o encontro de um investigador que elabora perguntas a um investigado.

As entrevistas são diferentes de uma conversa comum por seus objetivos bem específicos. Ela faz parte de uma técnica de busca de informações, e, por isso, deve conter dados seguindo determinada demanda, e também deve estar atento(a) às respostas, porque delas podem surgir outras perguntas de esclarecimento e aprofundamento de alguma questão.

---

<sup>1</sup> Socióloga. Doutora em Ciências da Educação. Coordenadora do Programa Estudos e políticas sobre juventudes, educação e gênero: violências e resistências da Flacso Brasil.

A entrevista, quando comparada ao questionário, oferece maior liberdade ao entrevistador, pois não limita as respostas do entrevistado. Os entrevistadores podem esclarecer questões ao longo da entrevista, mudá-las para ajustar a entrevista à realidade do entrevistado, e, ainda, como dito anteriormente, explorar possíveis desdobramentos que não estavam previstos na elaboração do roteiro da entrevista. Isto leva a um contato mais íntimo entre o entrevistador e o entrevistado.

O que determina os diferentes tipos de entrevista são as suas variações de aproximação ou distanciamento de uma conversa comum. Uma das características de uma conversa comum é sua liberdade, ou seja, a ausência de uma estrutura prévia que determine precisamente o foco do diálogo. Quanto maior for a liberdade de uma entrevista, ou quanto menos estruturada ela for, maior a possibilidade das informações coletadas conter maior profundidade. Pelo nível de estruturação também pode se classificar os tipos de entrevista.

Vale ressaltar que as escolhas acerca do nível de estruturação dependem dos objetivos da pesquisa, ou seja, em princípio, não há entrevista melhor ou pior que as outras. As entrevistas devem procurar a motivação dos entrevistados, conhecer as suas satisfações e insatisfações, as percepções sobre determinadas situações, as aspirações, as expectativas, opiniões, crenças, valores etc.

## **1. A relação entre entrevistador e entrevistado**

A entrevista estabelece uma relação, mesmo que momentânea, entre duas pessoas. Esta relação pode ser marcante, intensa, alegre e triste.

Portanto, para que uma entrevista se realize da forma mais aberta possível, é preciso ter cuidado na relação pesquisador-pesquisado: estabelecer empatia, ou seja, buscar ter compreensão e sensibilidade no tratamento ao entrevistado e ter um lugar agradável que facilite a relação.

## **2. Características gerais do método de pesquisas por entrevistas**

Em primeiro lugar, deve-se atentar para o fato da entrevista ser uma maneira de extrair informações, possibilitando que se compreendam opiniões, visões, percepções,

enfim, características de grupos da sociedade que possam fazer algum sentido segundo determinado objetivo de compreensão da realidade.

A neutralidade deve ser considerada. O roteiro serve para habilitar os entrevistadores a dar os mesmos estímulos aos respondentes, numa ordem dada, padronizando também o registro.

Diferentes métodos podem ser utilizados para o registro das informações: equipamentos como gravadores e filmadoras ou, simplesmente registrar por escrito as impressões, observações e informações obtidas no decorrer da entrevista. A gravação e a anotação são as formas mais comuns, sendo que a primeira permite uma maior riqueza de detalhes. Alguns detalhes que acontecem durante as entrevistas ficam omitidos (se a pessoa está inquieta, tranquila, triste, etc., ou interferências externas), por esta razão é recomendável a utilização de um “caderno de campo”, que possibilitará a anotação posterior das impressões do entrevistador não captadas pela gravação.

### **3. Passos para a realização das entrevistas**

1. Contato preliminar com o entrevistado.
2. Apresentação clara do tema.
3. Apresentação dos objetivos.
4. Solicitação de permissão para o uso do gravador.
5. Garantia da confidencialidade e do anonimato.

### **4. Vantagens da entrevista**

A utilização de entrevistas possui as seguintes vantagens:

- não exigir que a pessoa entrevistada saiba ler e escrever;
- possibilitar a obtenção de maior número de respostas, porque é mais fácil deixar de responder a um questionário do que se negar a ser entrevistado;
- oferecer maior flexibilidade porque o entrevistador pode adaptar-se mais facilmente às pessoas e às circunstâncias em que se desenvolve a entrevista;
- possibilitar a captação da expressão corporal do entrevistado, bem como a tonalidade de voz e a ênfase nas respostas.

## 5. Limitações da entrevista

Existem limitações que podem ser amenizadas tanto por um bom planejamento e uma boa definição do público a ser pesquisado, quanto pela utilização de técnicas diferenciadas e complementares. Dentre as limitações, podem ser citadas:

- falta de motivação do entrevistado para responder as perguntas que lhe são feitas;
- a inadequada compreensão do significado das perguntas;
- respostas falsas aos questionamentos;
- influência pessoal do entrevistador sobre o entrevistado.

## 6. O comportamento do entrevistador

Primeiramente, o entrevistador deve tentar inspirar confiança e se vestir de forma semelhante ao modo como o entrevistado se veste. O entrevistador deve, ainda, demonstrar um interesse genuíno em conhecer o entrevistado, sem parecer um espião, sem parecer relaxado, casual ou inoportuno. Todos esses fatores influenciam na qualidade da entrevista e, conseqüentemente, das informações.

Outro ponto muito importante para o sucesso da entrevista é a familiaridade com o roteiro elaborado, o que possibilita uma entrevista mais rápida e, conseqüentemente, menos incômoda, incentivando a cooperação no processo de entrevista. O entrevistador deve se orientar pelos seguintes pontos:

- uma entrevista deve começar sempre com uma questão geral, visando obter informações sobre o cotidiano do entrevistado (escola, trabalho, família, lazer, etc.);
- os temas devem ser abordados um por um, de maneira abrangente;
- o silêncio do entrevistado deve ser respeitado e o pesquisador tem que cuidar de sua ansiedade, querendo respostas imediatas;
- o pesquisador deve escutar atentamente o seu entrevistado, sabendo retomar as questões de maneira simples e direta;
- o pesquisador não deve falar muito e deve intervir nas horas certas;
- o pesquisador não deve ser diretivo e impositivo;
- o pesquisador deve saber colocar fim a sua coleta de informações de maneira harmoniosa.

## **7. Características de um bom entrevistador**

- Conhecimento sobre o tema.
- Capacidade de comunicação.
- Empatia.
- Capacidade intelectual.
- Sensibilidade.
- Inteligência.
- Juízo crítico e analítico.
- Capacidade de adaptação.

## **8. Os principais erros das entrevistas**

- Entrevistadores não treinados.
- Conteúdo insuficiente ou inapropriado.
- Falta de disposição para aprofundar os dados.
- Tendência a influenciar as respostas.
- Estimular respostas curtas e objetivas, não deixando o entrevistado falar.
- Tirar conclusões precipitadas.
- Escutar mal as respostas.
- Ambiente inadequado.

## **9. Como preparar uma entrevista**

- Ter claro qual é o objetivo da entrevista.
- Definir o resultado que se espera obter.
- Definir quais dados devem ser colhidos.
- Encadear os temas a serem abordados de forma lógica.

## **10. Tipos de entrevista**

### **10.1 Entrevista Informal**

A entrevista informal é aquela que possui menor grau de estruturação, o que significa pouca predeterminação das respostas. Ela só se distingue da conversação simples por seu objetivo de coleta de dados. O propósito da entrevista informal é menos o de identificar verdades objetivas ou testar hipóteses, estando mais ligado à compreensão da percepção de informantes-chaves ou, ainda, nos casos em que o objetivo é a livre expressão do entrevistado sobre determinado ponto.

### **10.2 Entrevista Não diretiva**

Na entrevista não diretiva, o entrevistador permite ao entrevistado falar livremente sobre as questões que lhe foram propostas, mas quando este se desvia do tema original, o entrevistador esforça-se para a sua retomada. Sugere-se que o entrevistador tenha um silêncio atento; encoraje o entrevistado a falar; tenha empatia e uma atitude convergente sobre o outro. Geralmente, a entrevista não diretiva é empregada em situações experimentais com o objetivo de explorar a fundo alguma experiência vivida em condições precisas. Também é bastante utilizada em grupos de pessoas que passaram por uma experiência específica, como estudar ou lecionar em determinada escola.

### **10.3 Entrevista Semi diretiva**

Neste tipo de entrevista, o entrevistador se guia por uma relação de pontos de interesse, havendo, portanto, certo grau de estruturação. As pautas devem ser ordenadas e guardar relação entre si, possibilitando que o entrevistado fale livremente, sempre respeitando o tema de cada pauta. O entrevistador deve abordar o entrevistado sempre que fugir da temática, com muita sutileza e polidez, de forma a não prejudicar o restante da entrevista, ou alterar a espontaneidade que a técnica requer das respostas.

### **10.4 Entrevista Estruturada**

A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, cuja ordem e redação permanece invariável para todos os entrevistados, que geralmente são

em grande número. As principais vantagens das entrevistas estruturadas são a rapidez e o fato de não exigirem exaustiva preparação dos pesquisadores. Estas entrevistas, no entanto, não permitem a análise dos fatos com maior profundidade, posto que as informações são obtidas a partir de uma lista prefixada de perguntas. Nesta modalidade de pesquisa, frequentemente são combinados elementos dos questionários com elementos de entrevistas por pautas. Entretanto, as pautas são muito específicas, mas permitem que o entrevistado possa expressar-se livremente nestes espaços.

## **11. Orientações gerais para a realização de entrevistas**

É importante que o pesquisador tenha em mente que o momento da entrevista necessita de alguns cuidados prévios para que tudo ocorra bem. Primeiramente, o pesquisador deve lembrar de levar o seu próprio material (gravador e pacote de fitas, caderno de campo, caneta, etc.). Ao chegar ao local, onde será realizada a entrevista, ele deve também procurar um lugar tranquilo, onde não possa ser interrompido por outras pessoas ou por barulhos que comprometam a audição posterior das fitas gravadas.

O pesquisador também deve ficar atento ao melhor momento e horário para a realização da entrevista. Ela deve acontecer quando o entrevistado realmente tiver um tempo livre, no qual não tenha que interromper a atividade por solicitações de outras pessoas, por telefonemas, ou quaisquer outras coisas que possam deixá-lo desatento e ansioso pelo fim da entrevista.

A mesma regra vale para o pesquisador que conduzirá a entrevista. Ele não pode, sob hipótese alguma, atender chamadas do celular, interromper a entrevista para falar com outras pessoas, interromper uma fala do entrevistado, ou mesmo causar muito distúrbio com a troca das fitas, tamborilar de dedos, idas ao toailete ou algo do gênero. O pesquisador também deve programar-se para esse tempo, pois isso afetará sua concentração e a condução da entrevista.

O entrevistado precisa se sentir relaxado e confiante. Ele não pode se sentir intimidado ou pressionado, em momento algum, para responder determinadas perguntas que lhe forem feitas. Por isso, é necessário muito tato e gentileza na condução da entrevista por parte do pesquisador. Isso não significa que ele não deva abordar mais profundamente determinados pontos, que ele achou que não foram bem respondidos, ou conduzir a entrevista de uma maneira que todas as questões propostas pelo roteiro sejam respondidas e bem trabalhadas.

Existem diferentes técnicas para o entrevistador conseguir uma resposta mais elaborada do entrevistado. Recomenda-se muitas vezes o silêncio (se o entrevistador posiciona o lápis em posição de espera, provavelmente o entrevistado acrescentará algo àquilo que ele já disse). Boas formas de estimular o entrevistado a dizer algo além do que já disse é perguntar-lhe: como assim? De que maneira? Mais alguma coisa? Em todo caso, o entrevistador deve sempre lembrar que essas sondagens devem ser completamente neutras, de modo que, não se deve afetar a resposta dada pelo entrevistado.

O pesquisador também deve estar atento para não direcionar opiniões, não julgar o entrevistado, não intervir inadequadamente nas suas falas e, especialmente, não procurar fazer resumos sobre o que foi conversado. Cabe ao pesquisador fazer perguntas e deixar o entrevistado respondê-las ao seu modo, com suas palavras, pois a maneira de tratar determinados assuntos é tão importante quanto o conteúdo da discussão.

Evite frases do tipo: “Ah, então você quer dizer que...”; “Ah, então você acha que...”; “Você não acha que se fosse assim seria...” e “Sério? Você acha isso mesmo?”.

O pesquisador jamais deve discordar do entrevistado, nem se mostrar contrariado ou surpreso com determinadas respostas. Deve agir naturalmente mesmo se o entrevistado falar coisas consideradas horrorosas ou absurdas, pois será por meio dessa atitude neutra e relaxada que o entrevistado se sentirá encorajado para se expor sem medo de julgamentos.

Também não se deve apressar a entrevista. Deixe o entrevistado pensar antes de responder e não se preocupe com longos silêncios. Eles não precisam ser preenchidos, pois também falam muito sobre a reação do entrevistado quando toca em determinados assuntos. A entrevista deve fluir no ritmo do entrevistado. A função do pesquisador é lançar temas e deixar que o entrevistado elabore as respostas ao seu modo, com todas as hesitações, pausas e silêncios que fazem parte de um discurso oral. É importante frisar, de todo modo, que isso não significa que o pesquisador não possa intervir quando o entrevistado não tiver entendido a pergunta e fale de outra coisa que não aquela proposta pelo roteiro, quando tiver um discurso muito confuso ou responda de maneira superficial às perguntas.

## **12. Orientações para o Relatório de Campo**

Para que determinados detalhes não sejam esquecidos, não faça um intervalo de tempo entre a realização da entrevista e o relatório escrito sobre a atividade. Muitos

detalhes se perdem ao cabo de alguns dias e é importante que o relato sobre a dinâmica da entrevista também seja detalhado e rico em informações.

No relatório de campo, devem constar informações que permitam “visualizar” como o processo transcorreu. Assim sendo, no relatório de campo deve haver informações sobre a receptividade dos entrevistados. Também devem constar informações sobre o tempo das entrevistas e o lugar em que cada uma foi realizada, a disposição do entrevistado para responder às perguntas, se ele pediu para fazer interrupções e a razão disso ter ocorrido. Devem ser relatadas também as dúvidas ou dificuldades de compreensão das questões propostas no roteiro, se houveram reações negativas, constrangimentos ou recusas para se tocar em determinados assuntos. Se a entrevista transcorreu num ambiente amistoso e relaxado ou se houve certa tensão ou timidez por alguma das partes. É importante ter em mente que qualquer detalhe pode ser importante e deve ser relatado. Como exemplo, segue um pequeno trecho de um relatório de campo – entrevista:

*Após esperar pela inalação do questionário, eu realizei uma entrevista com a coordenadora, que se mostrou articulada e consciente de suas responsabilidades perante a comunidade escolar, apesar de reafirmar um discurso tradicional que responsabiliza as famílias dos alunos pela maioria dos problemas enfrentados pelas escolas. Ela relatou que trabalhava na escola havia muitos anos, que estava lá por opção e se sentia muito realizada no seu ambiente de trabalho. Quando questionada sobre algum problema ela apontou para impossibilidade da abertura de novas turmas que pudessem atender aos alunos mais velhos, já que a escola possuía um bom espaço e estrutura física, mas não tinha muitos alunos.*

## INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: OBSERVAÇÃO

### 1. Observação<sup>1</sup>

A observação é algo que todo ser humano pratica espontaneamente e que faz parte do seu processo nato de aprendizado. É por meio da observação que uma criança, ainda que lentamente, cria um conjunto de interpretações a respeito daquilo que a circula, e a partir daí constrói a sua própria existência. Contudo, para ser uma observação além do que é comum precisa obedecer a certos critérios e satisfazer certas exigências, não sendo meramente uma busca ocasional e descomprometida.

A observação não é simplesmente um olhar atento, mas sim olhar ativo ancorado por um problema. Será sempre o problema de pesquisa que guiará o olho e o ouvido do pesquisador, que o levará a observar isso e não aquilo, e muito menos aquilo outro.

Por observação entende-se um método de coleta de informações no campo de pesquisa que se dá pela participação do pesquisador na vida cotidiana do grupo, da comunidade ou da instituição pesquisada. Enquanto participa das atividades realizadas pelos sujeitos da pesquisa, o observador geralmente integra-se de modo discreto ao cenário dessa realização. Assim, se estiver, por exemplo, observando uma sala de aula, o pesquisador deve ocupar um lugar que menos chame a atenção para sua pessoa.

---

<sup>1</sup> Este documento foi elaborado por Miriam Abramovay para capacitações.

## **1.1 Observação Estruturada**

Nesse tipo de observação, o observador conhece bem o contexto que vai pesquisar e conhece também os aspectos que deverão chamar sua atenção no comportamento das pessoas. Por essa razão, ele pode preparar um plano bem determinado de sua observação.

Segundo a natureza do objeto estudado, as condições dos instrumentos de observação podem assumir diversas formas. Em geral, a observação estruturada é apresentada na forma de uma grade fechada em que os comportamentos a serem pesquisados são previamente definidos, de modo que o observador deve apenas assinalá-los. Na prática, a grade se estrutura em duas grandes categorias de informações. A primeira diz respeito às características contextuais (descrição dos locais e das pessoas). A segunda diz respeito diretamente aos comportamentos das pessoas.

Na observação estruturada, o observador tem sua atenção voltada para os aspectos que foram previamente definidos, com modos de registro simples, rápidos e que reduzem os riscos de equívoco. Com isso, o tratamento dos dados mostra-se simples, pois foram coletados de forma uniforme.

## **1.2 Observação Não Estruturada**

A observação não estruturada, ou participante como também é conhecida, apesar de basear-se num objeto específico, não segue as amarras de um quadro fechado como na observação estruturada. Nela o observador se integra à situação por uma participação direta e pessoal. O conteúdo é registrado após a observação, obrigando o pesquisador a memorizar os acontecimentos. Ele leva consigo também um diário de bordo e notas de planejamento.

Esse método apresenta algumas limitações e inconvenientes, principalmente no que diz respeito a sua fidedignidade e sua validade. A forma como o observador consegue integrar-se ao grupo e à qualidade de sua memória, podem comprometer a qualidade das informações coletadas. Além disso, questiona-se também, a influência que o observador exerce sobre as pessoas observadas, pois inevitavelmente, sua presença afeta no comportamento dos indivíduos que são observados.

### 1.3 Técnicas Intermediárias de Observação

Entre a observação mais estruturada e aquela mais livre, podem existir diferentes modos intermediários. O observador pode recorrer a uma abordagem que seja adaptada à situação no qual se depara. Ele pode dedicar um tempo para integrar-se ao grupo e ao mesmo tempo, elaborar uma estrutura de observação. De qualquer modo, o importante é utilizar uma abordagem que atenda aos objetivos perseguidos pela pesquisa e às intenções do pesquisador.

## 2. O Observador e a Observação

A presença do observador em um certo contexto social pode transformar e mudar a própria dinâmica da vida social. O pesquisador pode ser chamado a dar opiniões, participar de um certo evento, ajudar em uma determinada situação. As regras da “neutralidade” nos levariam a recomendar que o pesquisador não se torne tão visível, o que significaria manter um certo distanciamento.

No entanto, as regras da prática nos recomendam o “bom senso”. Ou seja, em certas situações, a participação do pesquisador é inevitável. O importante é tentar compreender quais são as consequências – para os objetivos da pesquisa, para a permanência do pesquisador em campo e, sobretudo, para o respeito às pessoas – de um maior envolvimento do pesquisador em certas situações. Não existe regra e nem técnica que substitua a sensibilidade do próprio pesquisador.

A ida a campo exige do pesquisador a consciência de quem observa, mas de quem também está sendo observado. Assim como o pesquisador tentará entender quem são as pessoas que está observando e o papel que cada um exerce na dinâmica social, os observados também tentarão saber quem é essa pessoa que está ali fazendo pesquisa, qual o papel dela e quais as possibilidades de influenciá-la. Ou seja, entre pesquisador e observados instala-se uma relação que pode ajudar ou atrapalhar a pesquisa. A continuidade do trabalho de campo depende de como o pesquisador maneja essa relação em favor da pesquisa, mas sem perder seu sentido ético.

A observação realizada em um ambiente relativamente familiar ao pesquisador – por exemplo, uma escola – pode facilitar a compreensão dos fatos e informações observadas, pois o pesquisador pode explorar sua experiência e seus conhecimentos para decifrar e decodificar certas ações e falas. Se, por um lado, a familiaridade facilita, por outro gera a necessidade de o pesquisador “controlar” suas observações de forma mais rigorosa. O fato de compartilhar ou não de valores, sentimentos e percepções locais pode levar o pesquisador a ter menos cuidado na hora de registrar e ordenar o material coletado, selecionando informações de forma apressada e, às vezes, passando julgamentos sobre o que observou. Nesse sentido, todo cuidado é pouco, pois, sem querer, o pesquisador pode mudar o conteúdo e o significado da observação. O distanciamento torna-se uma forma privilegiada de refletir sobre as ações observadas, evitando-se a todo custo os julgamentos morais pessoais sobre o que se está observando.

Observar também é falar com as pessoas, conversar, ouvir opiniões, comentar. A conversa é um momento privilegiado para obter informações, conhecer as pessoas que estamos “observando”. A conversa permite obter registros aleatórios, opiniões sobre assuntos diferentes, informações mais espontâneas. Cabe ao pesquisador juntar e ordenar as falas, pensar nos possíveis significados daquilo que foi dito, conectar essas falas com os objetivos mais gerais da pesquisa. É preciso ficar atento à dinâmica local, ou seja, o campo no primeiro momento é mais rico do que as hipóteses, sugestões e visões do grupo da pesquisa. A conversa pode captar registros subjetivos, que devem ser ordenados e processados. Para isto é importante ficar atento:

- ao modo como as coisas são ditas;
- ao lugar onde elas são ditas;
- a como a pessoa ordena sua fala;
- às palavras que escolhe;
- ao que dá destaque;
- aos termos que utiliza;
- ao que deixa de lado;
- à linguagem corporal.

Esses detalhes podem informar muito sobre o perfil das pessoas, seus desejos, suas dificuldades, sentimentos, concepções, enfim um conjunto de coisas que, em um primeiro momento, podem parecer confusas e desconexas, mas que em outro podem fornecer valiosas informações para o conjunto da pesquisa. Ou seja, fazer pesquisa é, sobretudo, olhar, ouvir e descrever.

A pesquisa de campo deve revelar as variações, situações e contextos em que ocorrem os fatos. O ideal é que, ao final da pesquisa, sejamos capazes de descrever quem são essas pessoas, como vivem, o que pensam, como se organizam, como são estabelecidas suas ações e opiniões.

Embora pareça uma técnica simples, a *observação* é extremamente complexa e exige do pesquisador competências tais como:

- *ter clareza sobre o que está fazendo naquele local específico – isto é, saber qual é o objetivo da pesquisa para o qual está coletando dados;*
- *ser capaz de ver, ouvir e sentir o ambiente, tendo como pano de fundo os interesses da pesquisa;*
- *ser capaz de conversar, fazer perguntas, nos momentos adequados para isso – isto é, não ser intruso ou inconveniente, saber obter a informação necessária sem constranger ninguém;*
- *ser capaz de registrar, na memória, o que viu, ouviu e sentiu;*
- *ter capacidade de registrar por escrito, diariamente, no diário de campo, o que viu, ouviu ou sentiu – particularmente aquilo que despertou a sua atenção de maneira positiva ou negativamente, anotando, sempre que possível, as próprias falas dos sujeitos da pesquisa. Nesse sentido, uma parte do registro diário se faz após a saída do local da pesquisa para não interromper o fluxo da observação realizada.*

### 3. O Caderno de Campo

O caderno ou o diário de campo é um instrumento fundamental e indispensável na pesquisa de campo. Registrar informações, levantar hipóteses, verificar palpites são procedimentos básicos. No entanto, registrar eventos, falas, situações nem sempre é possível no ato da pesquisa. Mas é importante ter claro que o registro é a forma mais segura e eficaz de avançar nas hipóteses de pesquisa. O caderno de campo é o registro detalhado do que foi observado em campo. As ações promovidas pelos atores sociais, percepções do pesquisador sobre certo evento ou situação, estabelecimento de conexões entre eventos ou falas levantadas ou sugeridas em outros contextos. Por meio destes registros, o pesquisador pode construir suas hipóteses e testá-las.

Abaixo segue o trecho de um caderno de campo utilizado por Brochier<sup>3</sup> (2005) em estudo realizado sobre o funcionamento de escolas brasileiras:

---

<sup>3</sup> BROCHIER, Christophe. Algumas especificidades do estudo do funcionamento da escola no Brasil. In: Colóquio franco-brasileiro Políticas sociais, políticas educacionais e práticas institucionais no Brasil. Paris, Sorbonne, 23-24 jun. 2005.

*As aulas da 7ª série começam às 13h52 ao invés de 13h40 (os alunos estavam espalhados nos corredores e os professores na sala de professores). É necessário um momento para fazê-los sentar. A diretora entra e coloca moral nos alunos durante cinco minutos [ultimamente, eles estão, sem dúvida, malcomportados]. Poucos a escutam [eu ouvi: “Bebette é chata!”]. Depois o professor repete o mesmo discurso durante cinco minutos. Um garoto se levanta na sala e discute com um outro colega, a porta está aberta. O barulho do corredor obriga o professor a falar alto. O professor começa a sua aula: ele fala de ecologia, da utilização de recursos do solo pelos homens, etc. Alguns escutam um pouco e outros não. Um aluno diz uma palavra que o inspira (“morrer de fome”) aparentemente para se divertir. O professor continua: ele se coloca a escrever um resumo da aula. Explicando. Cerca de 3/4 dos alunos não escutam nada: alguns nem abriam suas pastas. Aqueles que escutam se interessam em fazer comentários, outros se levantam. O professor dá um tapa na testa dos mais jovens para fazê-los sentar e no ombro dos mais velhos (alguns parecem ter entre 16 e 17 anos). Para obrigá-los a trabalhar o professor distribui algumas folhas com as questões. Eles dizem em seguida: “tá difícil”. Durante esse tempo, muitos se levantam e vão amolar os colegas. Depois o professor faz a chamada aproveitando o silêncio. Um aluno se levanta e começa a escrever no quadro. O professor fica calmo, ele puxa o aluno dizendo para que ele se sente. O garoto solta uma gargalhada: “Oí, que abusado! Abuso de autoridade! Vou chamar a Belette”. Um outro espera à porta e discute com um garoto de outra sala[...] Isso continua até o toque do sinal de intervalo: eles se levantam se batendo e saem gritando[...] Assim como seus colegas o professor reconhece o essencial é chegar e segurá-los durante 50 minutos: “o conteúdo da aula, nós fazemos o que podemos” (BROCHIER, Christophe. Algumas especificidades do estudo do funcionamento da escola no Brasil. In: Colóquio franco-brasileiro Políticas sociais, políticas educacionais e práticas institucionais no Brasil. Paris, Sorbonne, 23-24 jun. 2005.).*

## **INSTRUMENTOS DE COLETA DE DADOS: QUESTIONÁRIO**

O questionário é uma técnica de coleta de dados largamente usada nas pesquisas e serve para os mais diversos propósitos, tais como investigação sobre fatos, opiniões, sentimentos e atitudes. Enquanto técnica de investigação, o questionário é composto por um determinado número de questões apresentadas por escrito às pessoas.

Ele é um instrumento de coleta de dados econômico e seu uso permite alcançar rápida e simultaneamente um número abrangente de respondentes. Além disso, o questionário pode garantir o anonimato dos respondentes, configurando uma vantagem no sentido de que os respondentes podem se sentir mais à vontade para emitir suas opiniões, principalmente quando se trata de assuntos polêmicos.

Ao utilizar um questionário, o pesquisador presume, hipoteticamente, que cada pergunta e cada resposta significam exatamente a mesma coisa para a totalidade dos respondentes. Evidentemente que isso é improvável, porém, as perguntas e a condução da pesquisa devem visar ao máximo atingir esse ideal.

O conjunto de alternativas predeterminadas em um questionário pode podar o respondente no sentido de que ele poderia querer responder de outra forma. Porém, a uniformização assegura que, com um grau relativamente alto de confiabilidade, os

respondentes vejam as questões da mesma maneira, na mesma ordem e acompanhadas de mesma opção de respostas, o que facilita sobremaneira a compilação, o tratamento e a análise das informações colhidas.

## **Apresentação do questionário**

Todo questionário deve conter em seu início, instruções gerais a respeito de seu preenchimento. Embora muitos respondentes ou aplicadores possam estar familiarizados com questionários, é preciso que se parta do pressuposto que os respondentes não conhecem o instrumento e precisam ser informados a respeito de questões como a forma de seu preenchimento. Por esta razão, é importante que se leia a apresentação.

## **A aplicação de um questionário**

Um questionário pode ser aplicado de duas maneiras distintas: (1) ele pode ser autoadministrado, ou seja, o próprio respondente lê e preenche o questionário e (2) ele pode ser aplicado. Em pesquisas que envolvem aspectos íntimos dos respondentes, é preferível que se utilize um questionário autoadministrado, pois, dessa forma, o respondente pode se sentir mais à vontade para respondê-lo. Mas em uma pesquisa em que há respondentes não alfabetizados, é preciso que o questionário seja ministrado por um aplicador que leia e garanta o entendimento.

A presença do aplicador não pode afetar a percepção que o respondente tem da questão ou da resposta. Portanto, o aplicador deve empenhar-se para agir como um meio neutro em que perguntas e respostas são transmitidas. Com isso, diferentes aplicadores poderiam obter as mesmas respostas de um mesmo respondente.

## **1. Aparência e comportamento**

O aplicador deve se comportar de maneira a não chamar a atenção ou provocar a recusa do respondente. E para isso é preciso observar alguns itens, que embora simples, podem fazer muita diferença.

O aplicador deve procurar vestir-se como o respondente. Um aplicador portando trajes muito ricos pode ter dificuldade para obter a cooperação de respondentes mais pobres, e vice-versa. As vestes e os tratos informam muito a respeito das atitudes e das orientações de uma pessoa. Um jovem vestido de preto, e a cabeça raspada com várias tatuagens no corpo, sinaliza um conjunto de valores, crenças e atitudes (estereotipadas ou não). Com isso, um respondente com perfil mais conservador pode se sentir inibido a responder.

O modo como o aplicador utiliza a linguagem também pode operar contra ou a favor. O uso de linguagem chula ou gírias pode inibir um senhor, com mais idade, a responder ao questionário.

Os aplicadores devem esforçar-se para ser o máximo agradável possível. Uma vez que se vai “entrar” na intimidade dos respondentes, eles precisam transmitir aos respondentes uma imagem de neutralidade e de que suas respostas serão tratadas com mais absoluto sigilo.

## **2. Familiaridade com o questionário**

Uma das exigências para um bom resultado de uma pesquisa que usa o questionário como instrumento de coleta de dados é a familiaridade do aplicador com o instrumento. Se um aplicador não conhece o questionário, a pesquisa provavelmente tomará mais tempo e, em geral, será incômoda. Para ter familiaridade com o questionário não basta ao aplicador passar o olho sobre as questões que o integram. Todas as questões do questionário devem ser estudadas cuidadosamente e o aplicador precisa treinar sua leitura. Ele deve poder ler o questionário sem errar e sem confundir as frases e palavras, tornando a leitura do questionário algo próximo a uma conversa natural. Sem isso, todo o esforço daquele que elaborou o questionário, considerando os pontos para a elaboração do questionário, já discutidos anteriormente, será perdido.

## **3. Redigindo as respostas de maneira exata**

Sempre que constar perguntas abertas no questionário, é importante que o aplicador registre as respostas exatamente como foram faladas. Não se pode querer resumir, parafrasear ou corrigir as respostas. Entretanto, algumas vezes o respondente é muito

desarticulado, e isso pode tornar as respostas ambíguas e de difícil interpretação. Nesses casos, o aplicador, sempre que for possível, deve anotar a resposta com sua interpretação, justificando suas razões.

#### **4. O Relatório de Campo**

O relatório de campo da aplicação dos questionários deverá conter informações sobre a receptividade dos respondentes no momento da realização do trabalho. Se os respondentes foram receptivos e abertos ou, ao contrário, fechados e desmotivados para realização da atividade. Ele também deverá anotar se houveram interrupções ou intervenções de qualquer tipo quando as pessoas respondiam aos questionários, se houveram conversas paralelas e se os respondentes encontraram dificuldades para entender o conteúdo das questões. As questões que apresentaram mais problemas de compreensão devem ser apontadas, assim como os tipos de dificuldades para sua compreensão.

Muitas vezes alguns respondentes apresentam dificuldades para responder os questionários fundamentalmente por não saberem ler as questões. Dificuldades de leitura ou de compreensão do texto são de ordens diferentes, e por isso, é de extrema importância para a pesquisa que seja relatada detalhadamente. Por fim, questões que geraram polêmicas ou que mobilizaram os respondentes de alguma maneira também devem ser descritas, assim como o tempo gasto para a realização da atividade.

## COMPROMISSO ÉTICO

Prezados mediador e mediadora,

É importante estabelecermos alguns compromissos e acordos do Programa de Prevenção à Violência nas Escolas, considerando a complexidade e a delicadeza do trabalho a ser realizado.

Vocês, mediador e mediadora, têm papel fundamental do início ao fim deste processo de busca das questões e soluções de violências nas escolas. Portanto, o compromisso de cada um é primordial, e de suma importância não interrompermos o trabalho no meio do processo.

Por isso, é imprescindível seguir a metodologia proposta para o trabalho:

1. *garantir o anonimato e sigilo das pessoas que preencherão os questionários de vitimização;*
2. *não comentar sobre as observações ou sobre o que acontece nas escolas pesquisadas para colegas, professores, direção da escola, parentes, etc., mesmo se forem perguntados;*
3. *estar presente em todas as capacitações propostas;*
4. *reunir com os demais mediadores e mediadoras quinzenalmente para avaliação dos trabalhos;*
5. *estabelecer um contato direto e fácil com os (as) monitores(as) para trocas e retorno do campo (descobertas, dúvidas, opiniões, problemas, etc.);*
6. *não esqueçam que a partir de agora vocês são Mediador e Mediadora, logo, deverão ter uma postura de responsabilidade, respeitando também os limites e regras da escola e das pessoas;*
7. *jamais utilizar das situações do trabalho para propaganda ou qualquer outra forma de disseminação.*

Estou ciente dos termos do Compromisso Ético e me comprometo com a observância do disposto anteriormente.

\_\_\_\_\_, de \_\_\_\_\_ de 2015.

\_\_\_\_\_

# PROGRAMA DE PREVENÇÃO À VIOLÊNCIA NAS ESCOLAS PROJETO

*Miriam Abramovay e Mary Garcia Castro*

## **Apresentação**

A juventude brasileira tem sido vitimizada por vários tipos de violências e em vários lugares, inclusive na escola, lugar que se espera que esteja bem protegida, tanto por ser a casa onde se deveriam ensinar competências que sirvam para o hoje e o amanhã, como por ser o lugar de convivência, onde as amizades se desenvolvem. Mas dados, estudos, notícias nos jornais vêm alertando que muitas escolas não são mais um lugar legal, seguro, e que está deixando de ser interessante para os jovens. Possivelmente porque em muitos casos não são ouvidos e não sentem que a escola é sua, e que podem ter uma maior participação para muda-la, inclusive para que venham a ser mais seguras e atraentes, com a cara da juventude.

A participação juvenil está prevista em lei, ou seja, participar, opinar, influenciar coletivamente em coisas públicas que lhe dizem respeito, criticando, sugerindo políticas. Este é um direito dos jovens. Por exemplo, no Estatuto da Juventude (Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013) se lê:

*Art. 4º - O jovem tem direito à participação social e política e na formulação, execução e avaliação das políticas públicas de juventude. Também se enfatiza nesse documento, que: [É importante] a participação individual e coletiva do jovem em ações que contemplem a defesa dos direitos da juventude ou de temas afetos aos jovens; e a efetiva inclusão dos jovens nos espaços públicos de decisão com direito a voz e voto.*

Mas para que os jovens possam de fato participar, levar sua voz para diferentes lugares de decisão e exigirem o direito a ser ouvido e ter voto, se faz necessário ter conhecimento sobre o problema que se quer discutir, como no caso das violências nas escolas, na sua vizinhança e que tenham documentos sobre isso, para dialogar com a escola, o governo e outras instituições, para que assim possam “botar a boca no mundo” sobre os problemas da escola. Ou seja, é preciso documentar o que se quer e por que se quer e na forma de estudo, e não de “ouvir dizer”, “eu acho”, “eu assisti”, mas na forma de pesquisa que traga muitas vozes, e seja sistematizada em linguagem considerada “científica”. Não deveria ser assim, mas é. Para sermos ouvidos no campo das políticas públicas e pelos que detêm os meios de decisão e, até pela mídia, tem que aprender como falar, como se comunicar cientificamente. E isso se faz por pesquisa, coleta de dados de forma sistemática e por relatórios integrados, ou seja, que reúnam olhares e relatos de muitos, especialmente treinados para isso.

Sei que deve estar pensando: “pô, é só contar o que vejo, aquela briga, aquela ameaça, aquele caso de roubo, e outros e ir lá falar para a diretora, para o jornal, para o prefeito [...]”. Mais ou menos, a forma de contar faz a diferença, principalmente quando se dialoga com pessoas em poder de decisão, e a voz coletiva tem muito mais força que a individual. E muitas violências têm relações com o estado da escola, com coisas que acontecem na vizinhança, que para quem vive no lugar e frequenta a escola, muitas vezes, passa despercebido. Há formas de ver a escola com outro olhar, e é isso que pretendemos construir junto com vocês, jovens: como ter esse olhar, o que ver na escola, no bairro, e como relatar sobre isso, por vozes coletivas, ou seja, por pesquisas, análises que mais que contar um caso, fale de muitos, reunindo muitas opiniões e usando números (dados) e relatos que sejam respeitados como um conhecimento que vem de um estudo, um estudo feito por vocês, jovens.

A seguir nossa proposta para essa construção conjunta, com jovens, que vão agitar na escola e que farão a coleta de informações sobre violências nas escolas e com a sistematização desses dados, por análises em documentos que colaborem em serem ouvidos em diversos espaços de decisão.

## **A proposta de diagnóstico e planejamento participativo**

Participantes da proposta

**Jovens monitores:** equipe de cinco ou mais jovens de uma escola, que serão capacitados para participar dessa proposta.

**Mediadores:** selecionarão a equipe de jovens monitores por escola para participar da proposta por 10 meses; capacitarão os jovens para as atividades e os acompanharão durante o período, sempre que solicitados pelos jovens e em cada etapa; estarão em contato permanente com a Equipe Central que coordena a proposta.

**Equipe Central** (Flacso Brasil): Miriam Abramovay, coordenadora geral; Mary Garcia Castro; Ana Paula da Silva e Luciano Cerqueira.

## **Abrangência da proposta**

A proposta tem a duração de 10 meses e será realizada na capital de várias cidades brasileiras, sendo que em cada capital 20 escolas. Cada mediador será responsável pela capacitação e acompanhamento de um número "x" de equipes de jovens monitores em cada escola. Os relatórios serão produzidos por escola, mas na capital, em determinados períodos, as equipes de jovens monitores das diferentes escolas se reunirão, com o incentivo de que formem rede de jovens monitores de prevenção à violência.

## **A proposta em ação**

A escola vai registrar as violências ocorridas, e semanalmente enviar esse registro para a Equipe Central (on-line). Outra forma de conhecer as violências, na escola e na vizinhança, será através da participação dos jovens.

1) Uma pesquisa, usando questionários a serem respondidos por alunos das escolas que fazem parte da pesquisa. Cabe à equipe de jovens monitores, depois de devidamente capacitados pelos mediadores, aplicar um questionário a alunos de turmas selecionadas

pela Equipe Central (essa seleção segue procedimentos estatísticos para que a pesquisa seja considerada científica). Esses questionários preenchidos serão entregues aos mediadores que enviarão para a Equipe Central.

Consideramos importante que o jovem monitor aplique o questionário em turmas pré-selecionadas. No entanto, deve-se evitar que seja a mesma turma e/ou ano escolar em que ele ou ela estuda.

2) Uma outra pesquisa, sobre a escola e a vizinhança (o entorno da escola), a partir de um roteiro (Roteiro de Observação da Escola e Entorno) que lhes daremos, que pode ser ampliado para todos os jovens monitores, no qual registrem o que se passa na escola e na vizinhança, e depois em equipe junte todas essas informações para um relatório único sobre cada escola e seu entorno.

*2.1) Além do preenchimento do Roteiro recomenda-se que cada jovem monitor tenha um diário de campo e que registre tudo que ocorre diariamente sobre sua escola e o entorno, para assim conhecer melhor a dinâmica quotidiana. Esse material é para ser usado para compor o relatório que a equipe da escola fará depois de dois meses de observação.*

A Equipe Central fará uma análise dos questionários que forem aplicados pelos jovens monitores e os relatórios produzidos e enviados pelos mediadores. Essa sistematização dos questionários e relatórios serão devolvidos para todas as equipes de jovens monitores para que os mesmos organizem reuniões com diretores, professores da escola e autoridades municipais para que apresentem suas sugestões para prevenir e diminuir a violência nas escolas.

## **Leituras que se encontram na internet que podem colaborar com os temas da proposta**

ABRAMOVAY, M. et al. **Conversando sobre violência e convivência nas escolas**. Rio de Janeiro: Flacso, OEI, MEC, 2012.

ABRAMOVAY, M.; CUNHA, A. L.; CALAF, P. P. **Revelando tramas, descobrindo segredos: violência e convivência nas escolas**. Brasília: Ritla, SEEDF, 2009. 496 p.

WAISELFISZ, J. J. **Mapa da Violência 2013: homicídios e juventude no Brasil**. Brasília: SGPR, Seppir, Conselho Nacional de Juventude, Cebela, Flacso, 2013

WAISELFISZ, J. J. **Avaliação participativa**. Série Ideias n. 8. São Paulo: FDE, 1998. p. 59-66.







*Nesta cartilha, conheça diferentes instrumentos de coleta de dados - entrevista, observação e questionário - e suas características, tipos, vantagens, técnicas entre outros aspectos.*



**FLACSO**  
BRASIL